

dessindicalização; se mesmo nos países desenvolvidos - com sindicatos consolidados e muito mais experientes que os nossos - a classe operária atua defensivamente, como exigir, no Brasil atual, uma estratégia ofensiva contra a ordem, "além do capital", como quer o autor?

Tal descompasso reflete-se, vez ou outra, em expressões vagas de cunho filosófico (e não político) que o autor utiliza para justificar a estratégia ofensiva: "desidentidade entre o indivíduo que trabalha e a sua dimensão de gênero humano", "o desenvolvimento da individualidade em direção à omnilateralidade humana", "busca de uma vida cheia de sentido", "luta pela constituição do gênero-para-si-mesmo" etc. O Lukács da Ontologia, citado no livro, observou, contrariamente, que "nas situações revolucionárias e mesmo já em seus processos preparatórios" as questões centrais "apresentam-se à grande

maioria dos homens como problemas que indicam o seu destino de vida, que, em contraposição à cotidianidade 'normal', assumem já no imediato a qualidade de uma pergunta formulada com clareza e que se deve responder claramente".

A ausência da política faz-se acompanhar também de uma inconfessável nostalgia do fordismo, quando a opressão era visível e a revolta facilitada pela concentração industrial. Nas novas condições, entretanto, a urgência da revolta operária é justificada pelo medo do "envolvimento" operário no processo produtivo. Mas envolvimento na produção é o mesmo que integração ideológica sem retorno no capitalismo ou, ao contrário, é um momento necessário para a futura autogestão?

São questões difíceis levantadas pela leitura desse livro ousado, oportuno e atual - mais uma intervenção do inquieto espírito militante de Ricardo Antunes.

## ISABEL LOUREIRO

*Rosa Luxemburgo - Os dilemas da ação revolucionária*, São Paulo, Editora da Unesp, 1995.

*Maria Orlanda Pinassi* (Professora de Sociologia da Unesp, campus de Marília).

Na epígrafe original do seu romance *Pais e filhos* - epígrafe que, mais tarde, é descartada pelo autor-, Turgueniev tensiona a relação do velho aristocratismo russo e o insurgente radicalismo racionalista que invade a Rússia na segunda metade do século XIX, por meio do seguinte diálogo: "- O jovem ao homem de meia-idade: 'Você tinha conteúdo, mas não tinha força' - O homem de meia-idade ao jovem: 'Você tem força, mas não tem conteúdo' ". Algumas décadas depois, esse vai ser o drama de Rosa Luxemburgo; mesmo tom controverso, tensionado, que imprime à sua teoria da ação revolucionária: a consciência teórica, latente - o conteúdo - do proletariado alemão é contraposto (ou se complementa, por meio da revolução permanente) na

permanente) na "ação audaz", na consciência adquirida da experiência prática, da luta, na qual se concentra a força do proletariado russo.

Eis a centralidade dos dilemas de RL, descrita e narrada, analisada com imanência por Isabel M. Loureiro que nos presenteia com um texto verdadeiramente empolgante. Originalmente elaborado como tese de doutoramento, a relação imanente que a autora estabelece com a vida e a obra de RL permite-lhe ir muito além, ou melhor, que supere eventuais formalidades acadêmicas. Isso se traduz numa vigorosa e fecunda capacidade narrativa capaz de dar sentido histórico e atualismo ao debate, de pôr na ordem do dia os dilemas de RL, dilemas esses que não eram os dela, mas da natureza, do

caráter mesmo do processo revolucionário que testemunhou, teorizou e do qual participou ativamente. Loureiro, numa harmonia incomum de sensibilidade e maturidade intelectual, revivifica os liames políticos que a personalidade de Rosa fez atar, em definitivo, ao seu cotidiano, aos seus traços mais pessoais e íntimos. Faz isso sem compor uma biografia solene da sua intimidade, tema do filme de Margarethe von Trotta, que, ao tocar nesse viés, mostra-nos que essa intimidade foi, sempre, fundamentalmente política.

Loureiro capta, com seus próprios recursos sensíveis, esse indissolúvel envolvimento que RL jamais abandonou, nem mesmo em tempos de crise e desilusão com a destinação socialista da humanidade. Os seus escritos da prisão revelam que também ela amadurecia a partir da luta. Os questionamentos, as críticas que dirige ao ativismo partidário começam ainda em 1905 e definem-se claramente em 1914. Reforçam seu crédito na cri atividade revolucionária, obtida unicamente por intermédio da liberdade, do espontaneísmo das massas em luta, para as quais teoria, partido e vanguarda deveriam ter papel mediador de agitação e esclarecimento, jamais ser finalidade. A relação entre a consciência e o processo objetivo da história é o módulo central do seu pensamento político, como demonstram os seus escritos "de tática, de formas organizatórias, da luta de classes, em que a sua própria experiência é fundamental, e nos quais revela a sua sensibilidade para a apreensão e análise da realidade concreta, o socialismo" revelando-se "criação das massas e não fim prévio estabelecido pela teoria" (Loureiro, p. 45).

Em síntese, esse olhar, de alguma forma "enviesado", que RL arremessa para fatos, idéias e tendências revolucionárias, valeu-lhe, em muitas ocasiões, isolamento, perseguições, culminando na tragédia em que se revestiu o seu assassinato nos marcos iniciais da República Democrática de Weimar. Mas a riqueza desse olhar - realista e coerente em muitos aspectos - se compõe nas controvérsias que manteve com outras tantas figuras centrais do marxismo

revolucionário de então. Lenin e os bolcheviques tiveram o seu apoio crítico, profético no relevo que dá às armadilhas do aparelho burocrático montado e que transfigura a concepção original "ditadura do proletariado" em "ditadura do partido". Da mesma forma, vai sendo paulatinamente neutralizada pela política revisionista dos social-democratas Kautsky, Bernstein, Bebel, com os quais polemizou, a despeito das relações de amizade profunda, como as que manteve com Karl e Luise Kautsky. Acreditando sempre na luta por dentro do partido, cria com Liebknecht, Clara Zetkin e Franz Mehring, a Liga Spartakista, compondo, assim, a esquerda radical no interior do SPD. Originalmente, a Liga se forma como um movimento de oposição à guerra de 1914, confrontando as orientações do SPD, que havia deliberado pelo apoio às forças burguesas. Mais tarde, impulsiona a revolução alemã, numa franca disposição de pôr em marcha a necessidade histórica da revolução permanente, acompanhando a teoria elaborada por Trotsky.

Visionária, romântica, espontaneísta, economicista foram algumas das adjetivações pelas quais a conhecemos na literatura marxista. Mas Isabel Loureiro desfaz, ponto a ponto, essa leitura chauvinista dos seus escritos. Corroborando com Lukács, tonifica o fato de que empenhou toda a sua vida à idéia de que "só a classe pode penetrar ativamente a realidade social e transformá-la em sua totalidade" (Lukács, em *Rosa Luxemburgo como marxista*). Ao final do livro, Loureiro explicita a sua dívida para com esse ensaio de Lukács, em que afirma aí ter havido plena identificação do filósofo húngaro com o pensamento luxemburguista "tanto no plano metodológico (categoria da totalidade) quanto no político (relação partido/massas)" (p. 187). A autora diz, ainda, que, em meio às tormentas revolucionárias, os dilemas de um foram os dilemas do outro, mas que as tensões que ocorrem "entre o objetivo final socialista e a prática reformista da classe" vão ser resolvidas (ou não) diferentemente por ambos. Lukács busca uma solução teórica "aderindo à concepção leninista do partido

vanguard", e o "fim trágico de Rosa (...) uma espécie de coroamento conseqüente de seu pensamento e vida" vai impedi-la de dar termo à questão. Este, talvez, constitua o ponto mais aberto do trabalho de Loureiro, na medida em que dá margens, em primeiro lugar, a uma interpretação fatalista à destinação dos dilemas vividos por RL, principalmente se se considerar o tom profético que imprime aos seus vislumbres no que diz respeito ao drama revolucionário russo. Em segundo lugar, a sua análise pode conduzir a uma apreensão reducionista do "distendimento" de Lukács. Analisando o conjunto de sua obra, é de se pensar que aquele fato, naquela conjuntura, foi, antes, complicador para a sua teoria do que uma solução. Aí, entretanto, se revela o eixo metodológico da análise de Loureiro, cujos pressupostos da crítica social da modernidade foram, na matriz, fortemente inspirados na história e consciência de classe.

De alguma forma, procede o pessimismo do livro, porque, sem cair nas armadilhas paralisantes, esse pessimismo carrega para a análise uma lúcida e atual reposição de RL com a conceituação das massas. Nestes nossos tempos, em que a propalada "crise das ideologias", através dos seus interlocutores mais ferozes, vem tentando tornar tais questões - como revolução, partido, luta de classes -

nada mais que meras questões e nada mais que meras reminiscências, idéias sem fundamento e mal-alicerçadas nas bases da realidade, vencidas que foram pela condenação histórica ao chocarem-se com a superioridade capitalista, Isabel Loureiro, consciente disso, dá a sua contribuição para destruir a ilusão burguesa de que sua destinação será eterna. Mas os dilemas de RL - e o livro nos demonstra com perfeição todos eles - são, mais do nunca, os dilemas da crítica marxista contemporânea. Dimensões que, se durante as tramas vivenciadas por RL, apenas se fazem contorno, hoje estão claramente definidas e fazendo estragos profundos. Ideologia, indústria cultural burguesa, manipulação, relações cibernéticas vêm tomando, em definitivo, o lugar da coerção pela força. Não há mais lugar para as ações heróicas. Os homens, assemelhando-se aos robôs, demonstram prioritariamente que a problemática da conscientização das massas se coloca na ordem do dia. Essa é a mensagem que o livro envia aos leitores; através da consciência que a própria RL teve do processo histórico, ao socialismo, a humanidade foi levada a optar pela barbárie. É com esses elementos, e não com a vontade revolucionária das massas, que temos que reaprender a ler Rosa Luxemburgo.

## CELSO FREDEERICO

*O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social*, São Paulo, Cortez.  
Francisco José Soares Teixeira (Professor de Economia da Universidade Federal do Ceará).

*O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social* tem como objetivo central investigar a evolução intelectual do pensamento de Marx, centrando atenção particular na sua obra de juventude. Celso Frederico descortina essa trajetória tomando como ponto de partida os *Manuscritos de Kreusnach* passando por *A questão*

*judaica* e a *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Introdução)*, até chegar aos *Manuscritos econômico-filosóficos* e daí à *Ideologia alemã*, para então buscar na obra de maturidade, e com muita propriedade, diga-se de passagem, algumas teses centrais para dar razão à leitura que faz dessa evolução. Mas, ao mesmo

PINASSI, Maria Orlanda. Resenha de: LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburgo – Os dilemas da ação revolucionária. São Paulo: Ed. da Unesp, 1995, 193p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.157-159.

***Palavras-chave:*** Rosa Luxemburgo; Ação revolucionária; Literatura marxista.